

Da criadora da série  
*Midsomer Murders*

Caroline Graham

# Morte na Aldeia

Tradução  
Mário Dias Correia

ASA

## PRÓLOGO

Andava a caminhar pelo bosque pouco antes da hora do chá quando os viu. A caminhar silenciosamente, embora não fosse essa a sua intenção. Mas a espessa e esponjosa manta morta amortecia o som dos seus passos. E também as árvores, altas e muito juntas, pareciam absorver qualquer ruído. Aqui e além, o sol rompia por entre os ramos apertadamente entretecidos, projetando ofuscantes feixes de dura luz branca para a escuridão lá em baixo.

Miss Simpson entrou num desses feixes de luz, de olhos postos no chão. Procurava a rara e magnífica orquídea raiz de coral. Ela e Lucy Bellringer, a sua grande amiga, tinham encontrado a primeira havia quase cinquenta anos, quando eram as duas raparigas. Tinham passado sete anos antes que voltasse a aparecer, e fora Lucy que a descobrira, mergulhando de cabeça na vegetação rasteira com um grito de triunfo.

A competição entre as duas começara naquele dia. Todos os verões percorriam o bosque, por vezes separadamente, por vezes juntas, ansiosas por encontrar outro espécime. Com o coração cheio de esperança, os olhos atentos e o bloco de notas e o lápis prontos, deambulavam por entre a penumbra das faias. A primeira a encontrar a planta oferecia à derrotada, presumivelmente como uma espécie de prémio de consolação, um chá espetacular. A orquídea florescia raramente e, devido a um complicado sistema de rizomas subterrâneos, nem sempre duas vezes no mesmo lugar. Nos últimos cinco anos, as duas amigas tinham começado a procurar

cada vez mais cedo. Ambas sabiam que a outra o fazia, mas nenhuma delas falava disso.

Francamente, pensou Miss Simpson, enquanto afastava com o pau que tinha na mão um tufo de jacintos-silvestres, mais um par de anos a este ritmo e começamos a vir para o bosque quando o chão ainda estiver coberto de neve.

Mas se houvesse alguma justiça neste mundo (e Miss Simpson acreditava firmemente que havia), 1987 era a sua vez. Lucy tinha ganhado em 1969 e 1978; mas naquele ano...

Cerrou os lábios quase exangues. Usava o seu chapéu de palha, com o véu de proteção contra as abelhas puxado para trás, um desbotado vestido de algodão, umas enrugadas meias de linho brancas e uns ténis manchados de verde e deformados pelo uso. Empunhava uma lupa e um pau com uma das pontas afiada e uma fita vermelha atada na outra. Já percorrera quase um terço do bosque, que era pequeno, e estava a progredir mais para o interior. Podiam facilmente passar dez anos entre florações, mas o inverno fora chuvoso e frio, e a primavera muito húmida, ou seja, dois bons sinais. E havia qualquer coisa naquele dia...

Ficou imóvel, a respirar profundamente. Chovera um pouco na noite anterior, o que dera uma riqueza acrescida ao ar quente e húmido — um aroma pungente a flores e folhas verdes com uma nota subjacente de doce decomposição.

Aproximou-se de um carvalho majestoso. Cogumelos de sombrinhas escamosas agarravam-se ao tronco e uma densa moita de heléboros rodeava a base da árvore. Contornou-a, a olhar atentamente para o chão.

E lá estava ela. Quase escondida debaixo de uma capa de folhas mortas, castanhas e macias como aparas de chocolate. Afastou os detritos com muito cuidado, pondo em precipitada fuga alguns insetos. Brilhava na meia-luz, como que iluminada por dentro. Era uma planta curiosa: muito bonita, com as pétalas a nascerem do cálice cor de limão como asas

de borboleta, delicadamente salpicada de um pálido amarelo-torrado mas sem o mais pequeno vestígio de verde. Não tinha folhas e até o caule era escuro, com manchas cor de rosa. Acocorou-se sobre as pernas magras e espetou o pau no chão. A fita pendeu molemente no ar parado. Inclinou-se para ver melhor, o *pince-nez* a deslizar-lhe pelo nariz grande e ossudo. Contou ternamente as flores. Havia seis. Lucy tivera apenas quatro. Um duplo triunfo!

Endireitou-se, cheia de excitação. Abraçou-se a si mesma, pouco faltou para se pôr a dançar. Ora toma, Lucy Bellringer, pensou. É para que saibas. Não permitiu, porém, que este sentimento de triunfo perdurasse. O importante agora era o chá. Tomara algumas notas da última vez, quando Lucy saíra da sala para voltar a encher o bule, e, embora não quisesse parecer ostentosa, estava determinada a alargar a escolha de sanduíches, ter quatro variedades de bolo e rematar com sorvete de morango caseiro. Tinha uma grande taça cheia deles, bem maduros, na despensa. Perdeu-se num êxtase de antecipação. Viu a mesa Queen Anne de madeira lavrada, coberta pela toalha de renda bordada da tia Rebecca, a transbordar de iguarias.

Pão de tâmaras e banana, pão Sally Lunn carregado de fruta, tartes de *frangipane*, biscoitos de *parkin* e amêndoa com especiarias, bolo de coalhada de limão e natas frescas, *jumbles* de laranja e gengibre. E, antes do sorvete, torradas com anchovas e queijo de Leicester...

Ouviu um ruído. Tem-se sempre a ilusão, pensou, de que o coração de um bosque é um lugar silencioso. Nem pouco mais ou menos. Mas havia ruídos tão indígenas do meio circundante que, em vez de perturbarem o silêncio, o realçavam: os movimentos de pequenos animais, o restolhar das folhas e, sobrepondo-se a tudo, o copioso canto das aves. O que ouvia era, porém, um ruído estranho àquele lugar. Miss Simpson ficou muito quieta, à escuta.

Parecia uma respiração entrecortada, laboriosa, e, por um instante, pensou que algum animal de maiores dimensões tinha sido apanhado numa armadilha. Mas então notou que aquela respiração era pontuada por estranhos gritinhos e gemidos de origem inequivocamente humana.

Hesitou. A folhagem era tão densa que tornava difícil perceber de que direção vinham os sons. Pareciam ressaltar de um lado para o outro no meio da verdura, como uma bola. Passou por cima de uma mancha de fetos e voltou a escutar. Sim, definitivamente daquele lado. Avançou em bicos de pés, como se soubesse antecipadamente que aquilo que ia descobrir deveria permanecer para sempre um segredo.

Estava agora muito perto de fonte da perturbação. Entre ela e o ruído havia uma apertada treliça de ramos e folhas. Imobilizou-se atrás do biombo verde e então, com infinito cuidado, afastou dois ramos e espreitou. Mal conseguiu evitar que uma exclamação de espanto horrorizado se lhe escapasse dos lábios.

Miss Simpson era uma senhora solteira. A sua educação fora, em muitos aspetos, rudimentar. Quando criança, tivera uma preceptora que se punha muito vermelha e tartamudeava durante as lições sobre a «Natureza». A boa criatura aflorara muito ao de leve a questão da reprodução dos animais, mantendo-se severamente afastada da condição humana. Mas Miss Simpson alimentava a convicção profunda de que só uma mente verdadeiramente culta podia oferecer os estímulos e a consolação necessários a uma vida longa e feliz, de modo que, a seu tempo, estudara sem pestanejar as grandes obras de arte em Itália, França e Viena. Por isso, soube no mesmo instante o que estava a acontecer à sua frente. O emaranhado de braços e pernas nus (pareciam, na vida real, ser muitos mais do que apenas quatro de cada) refulgia com um brilho nacarado semelhante à luminosidade dos membros de Cupido e Psique. O homem tinha

os cabelos da mulher enrodilhados nos dedos e puxava-lhe selvaticamente a cabeça para trás enquanto lhe cobria de beijos os ombros e os seios. Por isso, foi o rosto dela que Miss Simpson viu primeiro. O que constituiu choque suficiente. Mas quando a mulher afastou de si o amante e, a rir, trepou para cima dele, bem...

Miss Simpson piscou os olhos, e voltou a piscar. Quem alguma vez pensaria numa coisa daquelas? Deixou os ramos que afastara voltarem ao lugar e, sustendo a respiração, largou-os com cuidado. Após o que ficou vários minutos ali parada, a perguntar a si mesma o que fazer. O seu espírito era uma confusão de pensamentos e emoções contraditórios: choque, um imenso embaraço, repulsa e um débil, muito débil lampejo, imediata e resolutamente suprimido, de excitação. Era como se alguém lhe tivesse posto nas mãos uma bomba a fazer tiquetaque. Tendo, por força das circunstâncias e inclinação natural, evitado toda essa trapalhada da escolha, namoro, casamento e subsequente e inevitável terçar de armas, Miss Simpson sentia-se particularmente mal apetrechada para lidar com aquilo.

Uma severa irritação começou a despontar-lhe na orla da mente. Um «*tsk*» quase se lhe escapou dos lábios. No meio de um bosque, pelo amor de Deus! Quando qualquer um deles tinha uma casa para onde poderiam muito bem ir. Tinham estragado o que deveria ter sido um dia verdadeiramente maravilhoso.

Agora teria de arranjar maneira de se afastar tão sem ruído como tinha chegado. Estudou atentamente o chão. Não podia partir um graveto que fosse. E quanto mais depressa dali saísse, melhor. Tanto quanto sabia, podiam estar quase a chegar... bem... ao ponto, fosse ele qual fosse, a que as pessoas chegavam.

E então a mulher gritou. Um grito estranho, terrível, e uma ave levantou voo do mato direita à cara de Miss Simpson.

Que gritou por sua vez, cheia de vergonha e horror face à ideia de ser descoberta, e se voltou e começou a correr. Segundos mais tarde, tropeçou na raiz de uma árvore. Caiu pesadamente no chão, mas o pânico obliterou qualquer sensação de dor. Pôs-se de pé e continuou a fugir. Ouviu atrás de si o barulho de madeira a partir-se e apercebeu-se de que os dois deviam ter-se levantado de um salto e afastado violentamente os ramos para ver o que se passava. Iam reconhecer-lá. Era inevitável. Estava a poucos metros de distância. Mas com certeza, nus, não iam persegui-la. Pois não?

As suas pernas de oitenta anos responderam a exigências que havia muito não lhes eram feitas. A voarem atrás dela em ângulos estranhos, como palitos sarapintados, levaram-na, num espaço de tempo incrivelmente curto, até à orla do bosque. Aí descansou encostada a uma árvore, a mão apoiada no peito chato e ofegante, durante cinco minutos. E então encaminhou-se lentamente para casa.

Ao fim dessa tarde, estava sentada no banco da janela a olhar para o jardim que escurecia. Abriu as portadas de par em par, aspirou a fragrância da nicotiana e os aromas noturnos dos goiveiros plantados diretamente por baixo da janela. Do outro lado do relvado via a difusa mancha branca, quase azul à luz crepuscular, das colmeias.

Estava ali sentada desde que chegara a casa, havia quase três horas, incapaz de comer, cada vez mais consciente da dor na canela e cada vez mais insegura a respeito do que fazer a seguir.

Tudo tinha mudado. Eles sabiam que ela sabia. Nada poderia alterar esse facto. Oxalá pudesse. Daria tudo para fazer o relógio voltar ao dia anterior. Fora a vaidade que a metera naquele sarilho. Querer vangloriar-se perante a amiga; querer ganhar. Era bem feito. Suspirou. Estar a mortificar-se não resolvia nada.

Perguntou a si mesma se iriam falar com ela, e o pensamento gelou-a. Imaginou a conversa tripartida. O horrível embaraço. Ou talvez eles não se sentissem embaraçados? Serem capazes de fazer o que tinham feito às escâncaras, daquela maneira, demonstrava uma certa confiança descarada. Talvez devesse ela tomar a iniciativa de abordá-los? Assegurá-los do seu silêncio continuado. A melindrosa alma de Miss Simpson sentia-se repelida pela ideia. Daria a impressão de estar a forçar mais intimidades que eles talvez não desejassem. Como era estranho, pensou, dispor inesperadamente de nova e perturbadora informação a respeito de duas pessoas que julgava conhecer bem. Parecia colorir, quase cancelar, todo o anterior conhecimento que tinha delas.

Mexeu-se ligeiramente, cerrando os dentes por causa da dor na perna magoada. Recordou tristemente o momento em que descobrira a orquídea e pensou em como teria sido divertido organizar o chá comemorativo. Agora não ia poder dizer nada a Lucy. Parecia tudo sujo e estragado. Levantou-se cuidadosamente do banco, atravessou a cozinha e saiu para o silêncio perfumado do jardim. A poucos passos de distância, a sua roseira preferida, uma Papa Meilland, estava prestes a florir. No ano anterior, os rebentos tinham sido atacados pelo míldio, mas naquele ano tudo parecia bem e vários botões escuros e brilhantes sugeriam glórias futuras. Um deles parecia bem capaz de estar completamente desabrochado na manhã seguinte.

Tornou a suspirar e voltou à cozinha para preparar o seu cacau. Tirou um púcaro impecavelmente limpo de uma das traves e mediu o leite. Nunca sentira mais intensamente a verdade do ditado «um mal partilhado é um mal aliviado». Mas vivia numa pequena aldeia havia tempo suficiente para saber que o que descobrira não podia sem perigo ser discutido com ninguém — nem sequer com a querida Lucy, que

não era nenhuma coscuvilheira mas não fazia a mais pequena ideia do que fosse dissimulação. Nem com as pessoas que normalmente veria como confidentes naturais, como o seu solicitador (de momento de férias no Algarve) ou, claro, o vigário, esse sim, um terrível coscuvilheiro, sobretudo depois da reunião mensal do Círculo do Vinho.

Tirou do armário uma iridescente chávena com o respetivo pires (nunca conseguira adaptar-se à moda das pesadas canecas), deitou-lhe uma colher bem cheia de cacau, acrescentou um pouco de açúcar e uma pitada de canela. Podia contar ao sobrinho, que vivia na Austrália, mas isso significaria pôr por escrito toda a história e a simples ideia provocava-lhe uma ligeira náusea. O leite ferveu até quase transbordar do púcaro e ela verteu-o na chávena, sem parar de mexer.

Sentada no seu cadeirão de braços, Miss Simpson bebeu um pequeno golo de cacau. Se não podia confiar em nenhum indivíduo, devia com certeza haver organizações com as quais fosse possível falar em situações como aquela. Ela, que toda a sua vida tivera amigos, procurou na memória o nome de uma sociedade que ajudasse aqueles que os não tinham. Lembrou-se de ter visto um cartaz na repartição aonde fora discutir certas deduções feitas à sua pensão. Um homem de telefone encostado ao ouvido, à escuta. E um nome que lhe parecera, na altura, ligeiramente bíblico. As informações haviam de saber. Graças a Deus, agora era tudo automático: nada teria escapado aos ouvidos sempre atentos de Mrs. Beadle no PBX da antiga estação dos Correios.

A rapariga que a atendeu soube imediatamente do que ela estava a falar e pô-la em contacto com os Samaritanos. A voz do outro lado da linha pareceu-lhe reconfortante. Um pouco jovem, talvez, mas bondosa e genuinamente interessada. E, mais importante do que tudo, garantia-lhe absoluta confidencialidade. No entanto, depois de se ter identificado,

Miss Simpson mal começara a expor a situação quando foi interrompida por um som. Parou de falar e pôs-se à escuta. Lá estava outra vez.

Alguém batia, suave mas persistentemente, à porta das traseiras.

**PRIMEIRA PARTE**

**SUSPEITA**

## CAPÍTULO I

— Há aqui qualquer coisa de muito errado e espero que tomem as medidas pertinentes. Não é para isso que serve a polícia?

O sargento Troy concentrou-se na sua própria respiração, um truque que aprendera com um colega que frequentara com ele o Police Training College e que estava muito metido no T'ai Ch'i e noutras chinesices da moda. A técnica resultava às mil maravilhas quando tinha de lidar com condutores mal-educados, adolescentes desordeiros e, como naquele instante, velhotas exaltadas.

— Com certeza que sim, Miss... hã...

Fingiu ter esquecido o nome dela. De vez em quando, esta simples manobra bastava para levar as pessoas a perguntarem-se se a visita valia verdadeiramente o incómodo e acabarem por ir-se embora, poupando-lhe assim uma porção de trabalho desnecessário.

— Bellringer.

A rebate, pensou o sargento, satisfeito com a rapidez com que fizera o trocadilho<sup>1</sup> e com a sua capacidade de manter uma cara séria.

— Mas tem a certeza de que há aqui matéria para investigar? — continuou. — A sua amiga já não era nova, deu uma queda e foi demasiado para ela. Acontece com muita frequência, sabia?

— Disparate!

<sup>1</sup> «Bellringer», numa tradução literal, daria «o (ou a) que toca o sino». (*N. do T.*)

Miss Bellringer tinha o género de voz que lhe mexia verdadeiramente com os nervos: clara, autoritária, classe média-alta. Aposto que fez a vida negra a muitas *Skivvies*<sup>2</sup>, nos seus tempos, pensou, a designação a acudir-lhe naturalmente ao espírito. Ele e a mulher gostavam de ver uma boa série de época na televisão.

— A minha amiga era forte como um touro — declarou firmemente Miss Bellringer. — Como um touro.

Houve um nítido tremor na repetição. Jesus, não me digam que a velha múmia vai pôr-se a choramingar, pensou o sargento Troy. Estendeu mecanicamente a mão para a caixa de *Kleenex* que tinha debaixo do balcão e voltou a concentrar-se na respiração.

Miss Bellringer ignorou os lenços de papel. O braço esquerdo dela desapareceu num enorme saco de tela bordado, remexeu lá dentro durante algum tempo e reemergiu trazendo na mão uma caixa redonda enfeitada com pedras semipreciosas. Abriu-a, sacudiu um pequeno monte de um pó avermelhado para a face superior do pulso e aspirou-o com ambas as narinas, uma de cada vez, fechando-as alternadamente como uma foca. Voltou a guardar a caixa no saco e espirrou estrondosamente. O sargento Troy agarrou, ressentido, os seus papéis. Quando o pó assentou, Miss Bellringer exigiu:

— Quero falar com o seu superior.

Teria dado ao sargento Troy um enorme prazer anunciar que nenhum dos seus superiores se encontrava na esquadra. Infelizmente, não era o caso. O inspetor-chefe Barnaby acabava de voltar de férias e estava a pôr a papelada em dia no seu gabinete.

— Aguarde então um momento — disse Troy, horrorizado ao descobrir a expressão «minha senhora» a espreitar no fim da frase.

<sup>2</sup> Termo antiquado e pejorativo para «criada». (*N. do E.*)

Enquanto batia à porta de Barnaby e entrava, Troy manteve o rosto limpo de qualquer expressão e guardou firmemente para si mesmo o que pensava a respeito do grau de senescência de Miss Bellringer. O chefe podia ser muito severo, quando lhe dava para aí. Era um sujeito alto, corpulento, com um ar de calmo paternalismo que já induzira homens bem mais espertos do que Gavin Troy a emitir opiniões logo a seguir implacavelmente estraçalhadas.

— Sim, sargento?

— Está uma ve... uma senhora de idade na recepção, senhor. Uma tal Miss Bellringer, de Badger's Drift. Insiste em falar com alguém com autoridade. Alguém que não seja eu, quero dizer.

Barnaby ergueu a cabeça. Não parece ter estado de férias, pensou o sargento Troy. Está com um ar cansado. E doente. O pensamento não lhe desagradou. O pequeno frasco de comprimidos que Barnaby levava para todo o lado estava em cima da secretária, ao lado de um jarro com água.

— Qual é o problema?

— Uma amiga dela morreu e ela não está satisfeita.

— Quem estaria?

O sargento reformulou a frase. O chefe estava obviamente com a veia sarcástica.

— O que quero dizer, senhor, é que está convencida de que há qualquer coisa que não bate certo. Que não está claro.

O inspetor-chefe Barnaby olhou para o primeiro processo do monte que tinha à sua frente: um caso particularmente desagradável de abuso sexual de uma criança. Seria um prazer adiar a leitura por algum tempo.

— Muito bem. Mande-a entrar.

Miss Bellringer sentou-se na cadeira que o sargento Troy lhe ofereceu e compôs o traje. Era uma visão espantosa, mais engalanada do que vestida. Todas as suas roupas tinham um brilho ténue mas vibrante, como se outrora, muitos

anos antes, tivessem sido ricamente bordadas. Usava vários belos anéis, embaçados pela sujidade. Também as unhas estavam sujas. Os olhos moviam-se constantemente, a brilhar num rosto curtido e bronzeado. Parecia uma águia esfarrapada.

— Sou o inspetor-chefe Barnaby. Em que posso ajudá-la?

— Bem... — Miss Bellringer examinou-o, desconfiada.

— Posso perguntar-lhe porque é que está à paisana?

— À quê? Oh... — Barnaby seguiu-lhe a direção do severo olhar. — Sou um detetive. Não uso uniforme.

— Ah. — Satisfeita, Miss Bellringer continuou: — Quero que investigue uma morte. A minha amiga Emily Simpson tinha oitenta anos, e porque tinha oitenta anos foi automaticamente emitida uma certidão de óbito. Se tivesse metade dessa idade, teriam sido feitas perguntas. Teria havido uma autópsia.

— Não necessariamente, Miss Bellringer. — Dependeria das circunstâncias.

Havia anos que Barnaby não ouvia aquele sotaque. Desde os tempos em que começara a ir ao cinema. Nos anos do pós-guerra, os filmes estavam cheios de jovens ingleses de aspeto imaculado e calças de corte direito, todos eles a falar assim.

— Bem, as circunstâncias neste caso são sem dúvida muito estranhas.

Não estou a ver porquê, pensou Barnaby enquanto pegava num bloco de notas e numa caneta. Aparentemente, a amiga da sua visitante tinha sido encontrada, caída no tapete diante da lareira, pelo carteiro. O homem precisara de uma assinatura para uma encomenda e, não obtendo resposta depois de bater à porta (exceto o ladrar frenético de um cão), espreitara pela janela da sala de estar.

— Veio logo ter comigo... é nosso carteiro há imensos anos... conhecia-nos a ambas, e eu liguei ao Dr. Lessiter...

— É o médico assistente da sua amiga?

— É o médico assistente de toda a gente. Bem, de todos os velhos da aldeia e dos que não têm transporte. Caso contrário, é uma viagem de mais de seis quilómetros até Cauton. Bom... corri para lá, levando a minha chave, que acabou por não ser necessária porque... — Miss Bellringer ergueu um dedo declaradamente anunciador — ...e esta é a primeira coisa estranha... a porta das traseiras não estava fechada à chave.

— E isso era invulgar?

— Absolutamente. Houve três assaltos na aldeia, há pouco tempo. A Emily era muito cuidadosa.

— Toda a gente tem um lapso de memória, de vez em quando — murmurou Barnaby.

— Ela não. Tinha uma rotina fixa. Às nove da noite confirmar a hora na telefonia, pôr o despertador para as sete, pôr o *Benjy* no seu cesto e fechar à chave a porta das traseiras.

— E sabe se o despertador estava marcado para as sete?

— Não estava. Tive o cuidado de verificar.

— Isso só indica que ela morreu antes das nove da noite.

— Não, não morreu. Morreu durante a noite. Foi o que o médico disse.

— Pode ter morrido durante a noite — insistiu o inspetor suavemente —, mas perdido os sentidos muito antes disso.

— E agora o mais importante — disse Miss Bellringer, de olhos brilhantes, como se ele não tivesse falado. — *Que me diz da orquídea fantasma?*

— A orquídea fantasma — repetiu Barnaby sem alterar a voz. Trinta anos a lidar com o público tinham-no preparado para tudo. Miss Bellringer explicou a história da competição.

— E na tarde seguinte à morte da minha amiga, fui dar um passeio pelo bosque. Uma patetice, claro, que só serviu para me deixar ainda mais perturbada. Dei por mim meio à procura da orquídea até me aperceber de que já não fazia diferença se a encontrava ou não. E aquilo fez-me tomar

consciência da morte da Emily de uma maneira que tê-la visto... ali caída... não tinha. — Olhou para o inspetor, piscou várias vezes os olhos e fungou. — Deve parecer-lhe muito estranho.

— De modo nenhum.

— E então descobri-a. Mas a Emily tinha-a descoberto primeiro. — Em resposta às sobranceiras arqueadas de Barnaby, continuou: — Tínhamos um pau com uma fita para marcar o sítio. A dela era vermelha, a minha amarela. — Ora bem — Miss Bellringer inclinou-se para a frente, e tão intenso era o seu olhar que Barnaby teve de fazer um esforço consciente para não a imitar —, porque foi que não me disse nada?

— Talvez tivesse resolvido deixar para mais tarde. Para lhe fazer uma surpresa.

— Não, não — disse ela, irritada por aquela aparente incapacidade de apreender a situação —, não está a compreender. Conheço a Emily há quase oitenta anos. Ela teria ficado louca de excitação. Teria ido ter diretamente comigo.

— Talvez já se sentisse mal e estivesse desejosa de chegar a casa.

— Tinha de passar pela minha porta para lá chegar. Se estivesse doente, teria entrado. Eu teria tratado dela.

— Não a viu durante todo aquele dia?

— Vi-a quando voltou de passear o *Benjy*, por volta das duas. E antes que pergunte, estavam os dois de excelente saúde. — Olhou em redor com um ar perdido e ao mesmo tempo esperançoso, como aqueles a quem morreu recentemente alguém por vezes fazem. Incapazes de aceitar o espaço vazio, meio à espera de ver a pessoa morta reaparecer. — Não — fixou firmemente o olhar no inspetor —, alguma coisa aconteceu depois de ela ter encontrado a orquídea e antes de regressar à aldeia, qualquer coisa que a fez esquecer a sua descoberta. E deve ter sido qualquer coisa muito grande, pode crer.

— Se o que diz é verdade, está a sugerir que o choque a matou?

— Não tinha chegado tão longe. — Miss Bellringer franziu a testa. — Mas há mais uma coisa... — Procurou furiosamente dentro do enorme saco, a chorar. — O que é que me diz disto? — disse, e estendeu-lhe um pedaço de papel onde estava escrito: Causton 1234 Terry.

— Os Samaritanos.

— Serão? Bom, podem dar socorro, mas com toda a certeza não dão informações. Não consegui arrancar-lhes nada. Disseram que era tudo confidencial.

— Onde encontrou este papel?

— Na mesinha dela, enfiado debaixo do telefone. Não faço ideia da razão por que lhes terá ligado.

— Presumivelmente por estar preocupada ou deprimida e precisar de alguém com quem falar.

— Com estranhos? Tolice! — Havia dor por trás da exclamação de incredulidade. — Além disso, as pessoas da nossa geração não ficam deprimidas. Aguentam e seguem em frente. Não é como hoje, em que as pessoas tomam tranquilizantes se o leite azeda.

Barnaby sentiu as entranhas vibrarem agressivamente. A breve centelha de esperança que a história dela tinha feito nascer esmoreceu e apagou-se. Sentiu-se irritado e impaciente.

— Quando foi que a sua amiga morreu?

— Sexta-feira dezassete. Há dois dias. Tenho andado a tentar decidir o que fazer desde então. Sabia que não tinha muita coisa a que me agarrar, compreende? Provavelmente responder-me-iam que estava a dizer um monte de disparates. Que foi o que aconteceu, claro.

— Desculpe?

— O jovem da receção. Disse que com a idade dela já era de esperar e sugeriu que eu estava a desperdiçar o seu